

## O QUE PODE UMA POÉTICA DA EDUCAÇÃO PARA A NOSSA ESCOLA?

Carlos Skliar

CONICET / FLACSO, Argentina

### Resumo

Ensinar como mostrar. Não como torção que leve à dor: mostrar a árvore que ainda não existe, a trajetória invisível de um som até a sua inesperada palavra, a rebelião de uma ideia e suas cinzas, o momento em que a chuva é posterior à sua pronúncia. Ensinar como indicar, não como acusação de ignorância: indicar o mais distante e o mais próximo, perceber o mínimo e esquecer o absoluto, olhar para os lados como quem submerge em turbulências. Ensinar como dádiva, não como mesquinhez dividida: dar o que nos vem, o que não é nosso, o que ainda não nasce nem morre, dar a voz que já se tinha no instante que não se sabia. Ensinar como partir, não como chegada ao porto.

**Palavras-chave:** poética; escola; educação

### Resumen

Enseñar como mostrar. No como torsión que lleve al dolor: mostrar el árbol que aún no existe, la trayectoria invisible de un sonido hasta su inesperada palabra, la rebelión de una idea y sus cenizas, el momento en que la lluvia es posterior a su pronunciación. Enseñar como indicar, no como acusación de ignorancia: indicar lo más distante y lo más cercano, percibir el mínimo y olvidar lo absoluto, mirar para los lados como quien se sumerge en turbulencias. Enseñar como donación, no como mezquindad dividida: dar lo que nos viene, lo que no es nuestro lo que aún no nace ni muere, dar la voz que ya se tenía en el instante que no se sabía. Enseñar como partir, no como llegada al puerto.

**Palabras llave:** poética; escola; educación

**Ensinar como mostrar.** Não como torção que leve à dor: mostrar a árvore que ainda não existe, a trajetória invisível de um som até a sua inesperada palavra, a rebelião de uma ideia e suas cinzas, o momento em que a chuva é posterior à sua pronúncia. Ensinar como indicar, não como acusação de ignorância: indicar o mais distante e o mais próximo, perceber o mínimo e esquecer o absoluto, olhar para os lados como quem submerge em turbulências. Ensinar como dádiva, não como mesquinhez dividida: dar o que nos vem, o que não é nosso, o que ainda não nasce nem morre, dar a voz que já se tinha no instante que não se sabia. Ensinar como partir, não como chegada ao porto.

**Olhar como tocar.** Fazer de conta que é possível acariciar as raridades, tocar a parte mais fugidia do sol, a curva do relâmpago ou a transparência dos lados da chuva. Olhar com prudência, para que o tempo desfaça sua própria solidão. Olhar com estupor: como se o desejo estivesse vívido já antes. Olhar com brandura: como se só houvesse infância. Olhar com simplicidade: o olhado não precisa ser nomeado nem subjugado. Olhar como acompanhar um corpo ainda indeciso. Olhar para afirmar o presente, o que permanece nem muito distante nem muito perto: olhar enredado ao redor. Olhar como o oposto de escapar. Olhar como escutar.

**Corpo como linguagem,** não como fronteira: o que o corpo não pode deixar de sentir, nem escutar, nem olhar, nem pensar, nem dizer, nem dizer-se. Uma linguagem habitada por dentro e não apenas revestida por fora. Como a pele, também a linguagem toma às vezes a forma de um pulsar do coração ou de uma agitação da respiração ou de um estranho e persistente movimento; outras vezes, transforma-se em muralha, defesa, freio. Não se deveria usar a linguagem apenas como recobrimento ou encobrimento da vida. Deveríamos ser capazes de uma linguagem como sentido e não só como sensibilidade. A linguagem como desordem, como desobediência, como uma espécie de rebelião diante de um mundo que nos envelhece cada vez mais depressa. Uma linguagem à flor da pele. Uma pele à flor da linguagem.

**Aprender como escapar:** da voz alta, da linha que nunca desborda, do que se supõe centro. Aprender como sair: sair ao mundo, ao indeciso, deixar-se levar pelo movimento das coisas, acariciar as periferias. Aprender com aquilo que escapa e escapar com aquilo que está demasiado quieto. Aprender como dar-se conta de que uma nuvem e outra não formam um pássaro, como inspirar e não como gemido, como pés desnudos em uma terra incerta. Aprender de tudo o que ruboriza, do que treme, do que não tem nome e nasce e morre e já não existe. Aprender para nada. Aprender como inutilidade para enganar o tempo. Aprender durante a queda da folha, durante a descida da chuva, durante o descenso das costas. Aprender com as oscilações, os naufrágios, com o que nunca nos observa. Aprender como fragilidade: expor-se ao vento. Aprender como desejar: olhar uma olhada, desfazer o pensamento.

**Pensar como escutar.** Todo pensamento nasce em outro lugar, em outra solidão, em outra pessoa. Não se pode organizar a noite à vontade, nem seguem os rios os cursos que queremos. Um conceito se sustém pela força brutal do que não olhamos, pela banalidade de crer no que apenas está à nossa frente ou tudo aquilo que fica indiferente às palavras. Que pensar, como fazê-lo quando não vamos ao tempo, mas o tempo vem a nós? Pensar a partir do anúncio de um abismo: o que acreditamos antes eram apenas muletas precárias derrubadas ao caminhar de costas. Pensar como desejar: a boca trêmula. Pensar como fragilidade: o sentir é primeiro. Pensar como tremor da língua: devemos nos calar se queremos que algo aconteça.

**Verdade como atenção.** É somente questão de escutar. Como se não houvesse mais que uma linguagem que nunca é tua, feita de fragmentos que não se possuem. Como se por um instante o alheio ficasse próximo, e o que chega perto virasse teu próximo. Como se deixasses teus ouvidos no meio do caminho e prescindisses de toda palavra conhecida. Como se cada desconhecido encarnasse a possibilidade de uma verdade.

**O outro como desconhecido.** Falar com desconhecidos significa não saber o mundo de antemão, não conhecê-lo jamais, sentir-se parte de uma peça irremediavelmente decomposta, olhar para a imensidade como se nunca deixássemos de ser crianças em estado de infância. Um estranho traz uma nova voz, uma irrupção que pode modificar o pulsar da terra, um gesto que nos faz rever a coisa já conhecida, uma palavra antes ignorada. E é questão de escutar, não de concordar. Concordar ou não com algo que não pensávamos ou não olhávamos antes não importa nem um pouco. O que vale a pena é assumir o desnudamento extremo de um sonho que ainda não nasceu.

**Perguntar como esvaziar.** Até bem pouco tempo o humano era desconhecido do humano. O desconhecido causava paixão e medo e assim era a vida. Cada qual fazia o que podia: amava com diferentes partes do corpo, sonhava com outro tempo em outro lugar, olhava longe e pensava perto, reclamava para si o que ainda não era de ninguém nem existia ainda. Havia aqueles que nada podiam, é claro. E também aqueles que podiam bastante e duravam uma rajada. Se for verdade, como se diz, que os tempos mudaram e que nada é como foi, talvez seja porque o mundo está repleto de especialistas e porque a incógnita parece estar vazia.

**Ignorar como buscar.** Não saber que palavra é aquela que pronuncia o primeiro tremor e seu possível desfalecimento. Não saber quem guarda as histórias que nunca se contam ou o silêncio que persiste além da consolação. Não saber desde quando uma sombra nos segue nem quando nos deixa. Não saber o que é a chuva quando ainda não veio, nem o rastro de um pássaro quando ainda não alçou voo. Não saber de que é feita a beleza, a não ser de fé, cegueira e fogo. Duvidar sempre do lado do pesadelo em que estamos, bem como nunca saber se houve um sonho ou se fomos sonhados por outros. Não ter noções sobre o amor quando se ama e ainda menos sobre a vida no instante em que tudo está demasiado calmo. Não imaginar o decorrer do tempo, porque não há som, osso ou sangue que consiga estancá-lo. Desconhecer o que se seguirá à voz que nos chama, ao corpo que vem, ao ardor que abraça. Tudo o que sabemos de nós provem de cada uma de nossas ignorâncias.

**Falar como conversar.** O mundo dita travessias, enredos ainda vazios, trânsitos ocultos e destinos proibidos. Falar como tocar: as palavras são garras, sobrevoos, pele aberta, ar rarefeito. Falar sem sobrepor corpos. Falar quando o gesto tiver partido, quando ainda não existe dádiva, perdão nem prazer. Falar com voz baixa, sem peias, desprotegida. Falar para dizer o inocultável, nomear algo de luz quando já nada resta, para dar aroma ao deserto, umidade às despedidas. Falar na ponta dos pés quando se é pântano e com o ventre quando se é criança. Falar quando alguém se curva e é de exílio sua impotência. Falar como duvidar, como impor círculos abertos entre as linhas retas, como destruir o hábito da língua. Falar para sussurrar que toda verdade é incerta.

**Desejar como respirar.** Já não há segredo, não há véus nem pretextos. Por isso surpreende: ninguém se acostuma ao próprio corpo desnudo tanto tempo. A roupa sequer está por dentro, tudo é pele, até as vísceras, até o espaço. O desejo e a solidão são inimigos. O desejo é o ar impenetrável que não dorme. A solidão é o hábito. Desejar como morder, como violar os padrões, como o que terá de acontecer antes da morte. Desejar como desrespeitar o roteiro já traçado. Desejar como destruir o pacto com os espelhos. Desejar como a tormenta que nunca acaba. Desejar, não como lei, mas como desordenado fundamento.

**Esperar como atravessar.** Nada é tão importante, cada coisa o é: um livro fechado que espera seu canto, um riso solto, a dubiedade da pele. Esperar sem cadeiras, sem portas

fechadas. Esperar o passado no presente, como se o que viesse fosse uma desatenção. Espera-se em retrospecto porque o futuro tem rosto amargo, sujo, voraz. Esperar como tremer: os olhos esperam pelo que os pés caminham, espera a boca aquilo que ainda não dirá. Esperar como uma floresta claro-escuro. Esperar a chuva sem buscar abrigo, esperar o amor sem revelar a despedida, esperar a criança sem obrigá-la à noite. Esperar como transformar-se. Esperar como contenção.

**Saber como soltar-se.** Quem *já sabe* está amarrado a uma coisa que deseja mover-se todo o tempo. Não percebe que é o outro que nos vai puxando: um cão passeia seu dono, uma mesa recebe os comensais, um peixe inanimado nos diz da água impura, a noite nos deixa vulneráveis. E algum livro - isto é, algum amigo – nos dá as palavras que nunca tivemos.

**Ler como amanhecer:** o mundo não é só uma fumaça e deserto, deslocamento rápido, viver em filas cujo final é o esquecimento. O segundo mais profundo habita o canto da página – o medo deslizando, a vigília da última palavra, a vontade de ir além de si mesmo. Ler como entardecer: luz fraca, a sós, porque já não importam as maneiras do pensar mas todos os contornos: o perfil de uma terra estranha e nossa, a infância na largura de suas águas, o passeio ao longo da cornija de uma história alheia a ponto de ser nossa. Uma hora na qual o tempo já não conta porque passa da confusão ao sono, da névoa banal à confissão extrema, da indolência suja à paixão desordenada. Ler como anoitecer. Os olhos se fecham junto à leitura. O olhar prossegue em sua oscilação descalça. Ler a pele nua. Durante.

**Ler como não ter lido antes.** Cruzar um mundo desconhecido, um tempo desconhecido, gestos desconhecidos. De parágrafo a parágrafo, aquilo que parecia alheio começa a existir em mim, como se fosse possível habitar um corpo que não é meu, um corpo diferente do meu, uma voz incógnita. No entanto, ler não é conhecer o desconhecido, nem preencher um abismo infinito com palavras organizadas. Ler é ir desconhecendo-se pouco a pouco. Como se nunca tivéssemos vivido antes.

**Escrever como não morrer.** Ao contrário: há demasiada vida quando as palavras percorrem os lugares abandonados, as aleias escuras onde o corpo não passa, a claridade impossível de uma tarde quando ainda é madrugada. Mas a vida significa muitas coisas:

a casa sozinha, o desterro de cada um, o abismo no qual surgimos, a voz que é o fio mais débil para dar nó e, sobretudo, os olhos que se abrem e começam a desejar o que nunca viram. Dizer o que já se disse, mas com outras palavras. Descobrir o segredo que nunca nos confessaram.

**Educar como caminhar.** Encontrar o próprio passo, o próprio peso e a própria leveza, a breve e fugaz medida dos átomos, as circunferências e as páginas escritas ou ainda em branco. Sair de si, do que se é, do que se sabe: o idêntico a si mesmo só traz idiotia e peso morto. Ir-se ao mundo: às tumbas dos poetas, aos céus próximos, ao passado menos recente, à duração do frágil, aos gestos ainda estão imóveis. Educar como apartar-se, afastar-se de casa, longe de todo ponto de partida. Educar como respirar: nada se aprende da asfixia. Educar como escapar: da apatia, da tirania, da voz paralisante. Educar como voltar ao lugar onde nunca estivemos antes.